

## A ARTE DE PESQUISAR

Eliziane Sasso dos Santos<sup>1</sup>

A Dra. Mirian Goldenberg é antropóloga e professora do Departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Entre tantas obras publicadas está **A arte de pesquisar**, livro que alcançou a 8ª edição em 2004. Esta obra apresenta linguagem bastante acessível com bom embasamento teórico e divide-se em 17 capítulos.

A obra **A arte de pesquisar** enfoca a importância da postura científica do pesquisador, onde a autora propõe uma nova visão de mundo indo muito além de técnicas de pesquisa. Ela destaca a relevância de se ter um olhar científico na pesquisa. O livro está dividido em pequenos capítulos e o primeiro ressalta a importância para não se deter apenas em processos metodológicos, mas ter sensibilidade, criatividade, ser modesto e reconhecer que não detemos todo saber.

A autora descreve sobre a pesquisa qualitativa e do que ela representa no campo científico, também do que ela significa. Lança um desafio a todos para aprenderem a pensar e se mostra contrária às pesquisas quantitativas.

O segundo capítulo refere-se à pesquisa qualitativa em ciências sociais, ela defende a ideia de que as ciências sociais têm uma metodologia própria de pesquisa, não podendo generalizar com resultados quantificáveis. A autora faz uma revisão bibliográfica para elucidar o que os grandes pensadores do século passado defendiam no que diz respeito aos métodos de pesquisa.

Segundo a autora, Durkheim (1858-1917) defendia que as ciências sociais deveriam fazer parte do mesmo universo das demais ciências, achava que as ciências sociais deveriam ser neutras e objetivas. Na segunda metade do século passado, alguns pensadores se mostraram contrários às ideias de Kant, divergindo a ideia de que as ciências sociais usassem o mesmo método de pesquisa das demais ciências, sendo que isso poderia descaracterizar totalmente os resultados, ou seja, a realidade dos fatos.

Dilthey, por exemplo, defende a ideia que os fatos sociais não são passíveis de quantificação. Por se tratarem de casos singulares, impossibilitando a generalização como acontecem nas ciências naturais. Max Weber (1864-1920) se utilizou das ideias de Dilthey e defendeu que o principal interesse das ciências sociais é o comportamento dos indivíduos. Esses cientistas sociais ao discutirem a diferenciação das ciências sociais das demais ciências fizeram com que surgissem as técnicas e métodos qualitativos de pesquisa social.

A partir de pesquisas de antropólogos em meio a sociedades primitivas, se consagrou a ideia de trabalho de campo, ou seja, onde o pesquisador vai conviver com o objeto de estudo, ou meio ao qual quer pesquisar. Boas se destacou como antropólogo a usar pesquisa de campo e com métodos qualitativos.

Na década de 1970, nos EUA a partir de ideias Weberianas, constata-se que os fatos sociais devem ser compreendidos pelo pesquisador ao longo da pesquisa como parciais e provisórios. Geertz inspirou a tendência atual, chamada antropologia reflexiva. Esta pesquisa se caracteriza pela relação pesquisador e objeto pesquisado.

O terceiro capítulo se refere a influência da escola de Chicaco na pesquisa

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão/RS - elizianesassodosantos@gmail.com

qualitativa, destacando-se pelo uso de métodos e técnicas qualitativos na investigação e serviu como espelho para as pesquisas sociais em grandes centros urbanos. Mead enfatiza que a natureza simbólica da vida social é que dá significado social, ele defende a idéia de que o pesquisador precisa interagir em meio ao contexto pesquisado para compreender esses significados.

A escola de Chicago preocupou-se com a pesquisa empírica, contribuindo fortemente para os métodos e técnicas de pesquisa qualitativa através de análises de documentos pessoais e exploração de diversas fontes documentais. A referida escola foi expoente em pesquisas sobre rivalidades raciais, conflitos entre gangues jovens e criminalidade.

Vários cientistas sociais, entre eles Stoufer defendem o método qualitativo de pesquisa como o mais eficaz em pesquisas sociais. Já E. Burgess, em 1927, defendeu que os métodos de pesquisa estatísticos e qualitativos são complementares. A escola de Chicago abriu caminhos para a sociologia, principalmente no que diz respeito à utilização do método de pesquisa qualitativo, como também a prática do trabalho de campo. Também se dá ênfase à fenomenologia e a etnometodologia que se inserem na pesquisa qualitativa a fim de ver o mundo através dos olhos dos atores sociais.

O quarto capítulo descreve a origem do método de estudo de caso. O estudo de caso advém do meio da medicina e psicologia, onde era pesquisado e detalhado um único caso patológico, mas no decorrer do tempo tornou-se uma modalidade de pesquisa qualitativa muito explorada meio às ciências sociais. O estudo de caso possibilita uma análise mais profunda de uma determinada realidade que a pesquisa estatística não consegue atingir.

78 Moacir Palmeira destaca que a pesquisa estatística padroniza a realidade, sendo que cada indivíduo que compõe tal realidade é diferente, por isso a importância de se usar a metodologia qualitativa, pois permite ao pesquisador um olhar diferenciado para cada aspecto. Uma das características marcantes do método de estudo de caso é a observação participante e as entrevistas em profundidade, tendo suas origens nas pesquisas antropológicas em sociedades primitivas.

Não há uma regra geral para a técnica de pesquisa de estudo de caso, tudo depende do pesquisador, pode ser por curto espaço de tempo ou por longo prazo. Pierre Bourdieu, em a **Introdução a uma sociologia reflexiva**, nos permite pensar o estudo de caso como algo singular e extrair dele propriedades invariantes.

O método biográfico em ciências sociais compõe o capítulo cinco, esse método discute a questão da singularidade do indivíduo, o contexto e o histórico social ao qual está inserido. Para Franco Ferrarote é possível estudar um contexto social através do estudo de uma biografia individual, por ser o indivíduo parte de integrante desse contexto.

As histórias de vida permitem a criação de documentos em que se misturam histórias individuais com contextos históricos e sociais. O método biográfico ajuda a elucidar como as pessoas universalizam através de suas histórias de vida o contexto histórico em que vivem.

O capítulo seis evidencia a objetividade, representatividade e controle de bias a pesquisa qualitativa. Há alguns pesquisadores acusam o método qualitativo de pesquisa, de ser pouco fidedigno. Max weber, Pierre Bourdieu e Howard Becker acreditam ser essencial descrever todos os passos da pesquisa para que o objeto pesquisado possa buscar a objetivação. O pesquisador na pesquisa qualitativa deve manter a imparcialidade a fim para que não interfira nos resultados.

Becker defende a pesquisa qualitativa por se tratar de um estudo a longo prazo, pois há condições de conhecer o cotidiano impossibilitando qualquer tipo de alteração

nos resultados. A autora ainda se refere a Becker que fala da importância do pesquisador explicitar tanto os pontos negativos quanto os positivos.

A pesquisa estatística mostra em tabelas os passos e resultados, já na pesquisa qualitativa os resultados são abordados de forma subjetiva, por isso é importante a descrição passo a passo para que quem não participou do processo possa entender as análises. Nas pesquisas qualitativas prima-se pela densa interpretação dos fatos em sua singularidade ao invés de se quantificar através de tabelas numéricas. O pesquisador deve ter o cuidado de não se envolver emocionalmente no objeto de estudo.

No capítulo sete a autora disserta sobre a pesquisa qualitativa: problema teórico – metodológico. Para ela na pesquisa qualitativa não há uma regra única a seguir, pois depende do enfoque que o pesquisador dá ao objeto, precisa ser muito crítico e profundo na sua análise, sempre tendo o cuidado para não deixar o bias do pesquisador tomar o rumo da pesquisa.

A autora apresenta as opiniões das pesquisadoras Ruth Cardoso, Eunice Durham e Aaron Circiurel a respeito da pesquisa qualitativa, segundo a autora elas se mostram contrárias a este método de pesquisa por acreditarem que há ausência de uma crítica teórico-metodológica em relação a esse método, pode-se correr o risco de cometer erros como falta de criticidade para o aprofundamento das análises. Uma das preocupações do método qualitativo é a contaminação dos resultados devido à personalidade do pesquisador.

A autora cita Becker que defende que na pesquisa qualitativa é impossível estabelecer uma teoria metodológica única, pois cada contexto é único, cabe ao pesquisador ser criativo e sensível para saber como obter êxito em sua pesquisa. O pesquisador deve ter o cuidado para não naturalizar certas atitudes que no primeiro momento lhe causou estranheza e que poderiam ser significativas.

No oitavo capítulo a autora aborda a integração entre análise quantitativa e qualitativa. Alguns pesquisadores afirmam que as pesquisas quantitativas em ciências sociais generalizam os fatos, impossibilitando uma compreensão profunda dos mesmos. Max Weber acredita que se pode usar a quantificação em ciências sociais desde que se tenha o cuidado para não generalizar. Como já foi mencionado anteriormente, depende de cada pesquisador a decisão de quais métodos usar no decorrer de uma pesquisa, como também pode optar pelo quantificável e o qualitativo por achar que tenham certa interdependência ou por acreditar que esses dois métodos poderão ajudar a esclarecer mais o estudo realizado.

A pesquisa qualitativa permite estudar pontos obscuros deixados na pesquisa quantitativa, pois nos possibilita ir além de números, através do referido método é possível aprofundar explicações, sentimentos e atitudes individuais, ou seja, nessa perspectiva esses dois métodos podem ser vistos como complementares. A autora defende que um bom pesquisador deve lançar mão de todos os métodos que estiverem ao seu alcance para ajudar a entender o problema estudado.

O capítulo nono trata de como elaborar a pergunta certa para o problema em questão. Neste capítulo a autora propõe a construção de um projeto de pesquisa. Para ela não há tema de maior ou menor relevância, tudo depende da criatividade do pesquisador em conduzir o assunto, ela chama atenção para o olhar científico do pesquisador. A autora ainda destaca a importância de alguns fatores internos e externos, ou seja, são considerados fatores internos a sensibilidade, criticidade e criatividade e externos são o bom domínio da teoria, saber relacionar dados empíricos com a teoria, enfim, para propormos uma pesquisa precisamos formular um problema e elaborar um projeto de pesquisa.

No item dez a autora se refere à formulação do projeto de pesquisa, este compreende várias fases. No início se verifica o campo a ser estudado, logo após o pesquisador toma conhecimento de todo o cotidiano e a fase final haverá uma ruptura entre o pesquisador e o objeto de estudo, em que serão feitas análises profundas a fim de se chegar a certas conclusões.

Ainda se tratando da construção do projeto de pesquisa, este deve atender o interesse do pesquisador, ser acessível para qualquer público, aprofundar o assunto de forma que todos compreendam a linguagem utilizada. Saber formular a pergunta do problema para que se atinja uma resposta a altura do que se quer saber. Fazer uma boa revisão da literatura que vá embasar a pesquisa.

A construção de um projeto é a fase mais importante da pesquisa. É o momento em que o pesquisador irá delimitar o problema, o tempo a ser usado, como também, ter o cuidado para não coletar dados que favoreçam um certo ponto de vista, ser o mais imparcial possível, evitar o bias e prever as etapas a serem seguidas, mesmo sendo sujeitas a mudanças. O projeto de pesquisa deve conter algumas passos: introdução, justificativa, hipóteses, discussão teórica, metodologia, cronograma e referências bibliográficas.

Ainda se tratando dos passos da pesquisa a autora delimita alguns passos que compreende em primeiro lugar a delimitação do tema, objetivos, objeto a ser pesquisado, hipóteses levantadas e métodos de levantamento de dados. O projeto não é um processo estático, ou seja, deve ser flexível ao longo de sua trajetória, nada é estanque em um projeto. Deve também se preocupar com uma boa fundamentação teórica e colocá-la de maneira crítica.

No capítulo 14 dá-se um destaque para importância do fichamento da teoria. O pesquisador deve manter-se organizado com seu material empírico e as idéias, das obras lidas, a autora enumera como fator essencial o debate de idéias com os autores, questionamento e análise. Ela também salienta a importância de várias leituras reflexivas para a elaboração do fichamento. Também a criticidade no momento do fichamento ajuda a aprimorar a análise.

No fichamento deve haver o propósito de analisar a obra como seus objetivos, relevância, método de pesquisa utilizado e importância do estudo realizado. Através do fichamento nos tornamos conhecedores das idéias dos autores e nossos argumentos se tornam mais consistentes e isso denota nosso domínio sobre o assunto.

O capítulo 15 trata das entrevistas e questionários. Ela aborda as diferenças, vantagens e desvantagens entre entrevistas e questionários como forma de coleta de dados de uma pesquisa. Ao entrevistarmos não devemos priorizar um ou outro grupo a fim de delinear um parâmetro de respostas, elas precisam atingir todos os públicos, para não correremos o risco de conduzir os resultados.

As entrevistas podem ser padronizadas e subdividas em abertas e fechadas. As entrevistas fechadas são de fácil análise, pois se resumem em alternativas únicas, já as abertas, o entrevistado fica livre para responder sobre o tema proposto. As entrevistas também podem ser assistemáticas e projetivas com uma análise muito mais complexa.

Os questionários têm vantagens e desvantagens, suas vantagens são que podem ser de fácil acesso às pessoas via correio ou meio eletrônico, mas também restringe quem irá responder, pois precisa ser escrito e demanda de tempo disponível, sua uniformidade facilita a mensuração, pode atingir um grande número de pessoas ao mesmo tempo, já como desvantagem a autora enumera a repressão de sentimentos dificultando algumas análises. Na visão da autora, as entrevistas surtem maior efeito podendo enriquecer com maiores detalhes e ênfase nos assuntos abordados na escrita, sendo necessário manter postura e olhar científico, não se deixando envolver emocionalmente com a situação.

O pesquisador deve ter alguns critérios ao organizar os questionários e entrevistas, saber selecionar o assunto, sua relevância para o estudo proposto, clareza, fácil compreensão por parte do entrevistado, sempre ter em mão um rascunho para se guiar e tornar o trabalho mais organizado. Ao realizar essa etapa da pesquisa o proponente precisa antes de tudo conhecer muito bem o assunto a ser questionado, buscar com este instrumento informações desconhecidas em quaisquer outras fontes.

Já no capítulo 16, a autora salienta a necessidade do pesquisador pensar cientificamente. Depois da aplicação das entrevistas ou questionários é chegada a hora mais relevante da pesquisa, a análise dos resultados empíricos baseados nos conhecimentos teóricos, momento crucial para os resultados da pesquisa, pois é nesse momento que o pesquisador vai fundamentar dados empíricos com teorias estudadas e chegar a um resultado final. Isso demanda muito conhecimento e sensibilidade, ou seja, um olhar científico para cada detalhe.

No capítulo 17, a autora aborda algumas considerações sobre a análise e relatório final. Esse processo requer calma e conhecimento, nenhuma análise feita de imediato terá o mesmo enfoque e a riqueza de um trabalho feito em longo prazo, o ideal é a cada entrevista ou questionário aplicado, para que se faça já uma análise prévia para não acumular trabalho. O relatório final da pesquisa nada mais é que a retomada dos passos do projeto de pesquisa, buscando a introdução, objetivos, hipóteses levantadas, relevância do estudo para a comunidade onde se está inserida, em seguida a discussão teórica, mas deve-se ter o cuidado para que essa discussão não se torne mero acúmulo de citações, mas sim um diálogo com as principais idéias dos autores, por isso o fichamento e análise das obras.

Logo após iremos situar o leitor do local, sujeitos da nossa pesquisa, descrever como se sucedeu a mesma, os pontos positivos e também os negativos, tentando entender o que deu errado porque esses aspectos também fazem parte do processo.

Ao relatarmos as dificuldades encontradas na realização da pesquisa é uma maneira de enriquecer o trabalho, nem sempre atingimos cem por cento dos nossos objetivos. O relatório final deve abordar de maneira clara os resultados, em que todos tenham entendimento com um vocabulário acessível, também não podemos esquecer um item importante que se trata da postura ética ao apresentar os resultados de modo a não prejudicar o público pesquisado.

A autora em toda a sua exposição demonstra um enorme conhecimento sobre o assunto e conseguiu transmitir uma idéia simples do que é uma pesquisa científica, também abordou de forma clara o que devemos levar em consideração ao propormos um trabalho científico através de uma linguagem acessível, mas ao mesmo tempo não deixando de focar os subsídios necessários para um bom projeto de pesquisa. Percebemos que a credibilidade da pesquisa está na seriedade como se conduz todo processo. Qualquer etapa que for suprimida comprometerá o resultado final.

## REFERÊNCIAS

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

81

R  
E  
V  
I  
S  
T  
A